

ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E O ESTUDO ANATÔMICO

NON-FORMAL EDUCATION SPACES AND THE ANATOMICAL STUDY

João Alfredo Pereira Neto

Mestrando em Ensino de Física pela UTFPR-Campo Mourão
joao.apn@hotmail.com

Josiane Medeiros de Mello

UEM – Universidade Estadual de Maringá
jmedeirosmello@gmail.com

Sônia Trannin de Mello

UEM - Universidade Estadual de Maringá
stmello@uem.br

Ana Paula Vidotti

UEM - Universidade Estadual de Maringá
Departamento de Ciências Morfológicas
apvidotti@uem.br

RESUMO

Educação não formal ocorre em locais como museus, centros de ciências, proporcionando aprendizagem de conteúdos da escolarização convencional bem direcionada, com um objetivo definido. O objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão bibliográfica acerca dos espaços de educação não formal, principalmente no que se refere aqueles que envolvem o estudo anatômico. Os resultados levantados sugerem que ainda há poucos textos que abordam a conexão entre espaços de educação não-formal e o estudo anatômico. A predominância dos trabalhos contempla as pesquisas desenvolvidas com museus, centros de ciências e laboratórios. No presente artigo, realizamos um levantamento com palavras chave, pesquisadas nas principais fontes como BVS, LILACS, PUBMED, SCIELO e BIREME, que iniciou no mês de dezembro de 2018 com termino em abril de 2019. Apenas três documentos que tratavam do tema espaço não formal e estudo anatômico foram encontrados em nossas pesquisas.

Palavras Chave: Ensino, Morfologia, Aprendizagem.

ABSTRACT

Non-formal education occurs in places such as museums, science centers, providing content learning from well-targeted conventional schooling, with a defined goal. The objective of this work was to carry out a bibliographical review about the spaces of non-formal education, especially regarding those that involve the anatomical study. The results suggest that there are still few texts that address the connection between spaces of non-formal education and anatomical study. The predominance of the works contemplates the researches developed with museums, science centers and laboratories. In this article, we conducted a survey with key words, researched in the main sources such as VHL, LILACS, PUBMED, SCIELO and BIREME, which began in December 2018, ending in April 2019. Only three documents dealing with space formal and anatomical studies were found in our research.

Keywords: Teaching, Morphology, Learning.

INTRODUÇÃO

Para Gohn (2014), a educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. Assim, a educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido. McManus (1992), relata que a Educação não formal teve sua origem entre os anos 1970 e 1980 como consequência das tentativas de medir o aprendizado que ocorre em museus.

A educação não formal tem adquirido, nos últimos anos, uma maior visibilidade a partir das práticas pedagógicas que tem desenvolvido, principalmente na área social, contemplando questões as mais variadas como artes, cultura, saúde e meio ambiente (BARZANO, 2008).

A predominância dos trabalhos referentes a espaços não formais de educação contempla as pesquisas desenvolvidas com museus de ciências. Para Marandino et al. (2015), a educação em ciências é uma prática social que vem sendo cada vez mais ampliada e desenvolvida nos chamados espaços não formal de educação e nas diferentes mídias.

Ao longo dos anos, tanto a pesquisa quanto as práticas educacionais relacionadas às exposições, bem como às atividades em museus têm se intensificado, tornando-se cada vez mais um campo de produção do conhecimento (MARANDINO, 2005).

Segundo Pozzobon et al. (2015), o estudo da disciplina de Anatomia Humana é a base para a construção do conhecimento do estudante e futuro profissional da área da Saúde, o qual precisa ser estimulado e desenvolvido através dos mais variados recursos, sejam eles virtuais, impressos ou práticos.

Para Mourthé et al. (2016), a Anatomia Humana é uma disciplina clássica para todos os cursos da saúde. E que nos dias atuais a maioria dos cursos de graduação na área de saúde possui uma carga horária diferenciada para o ensino da anatomia.

Mello et al. (2010), afirmam que o tema anatomia humana também é área de interesse para pessoas leigas, pois trata de assuntos ligados a nossa vida e a hábitos diários como metabolismo, dieta, exercícios físicos e processo saúde-doença. Assim pode-se verificar a importância que os espaços não formais apresentam no processo de aprendizagem e ensino anatômico para o meio acadêmico e a comunidade em geral.

A educação formal como nos é apresentada, está presente no ensino escolar institucionalizado, com aprendizagem gradual e estruturado de forma hierárquica. Decorre a partir de qualquer tentativa educacional organizada e sistemática, quando existe a intenção de determinados sujeitos em criar ou buscar determinados objetivos em espaços apropriados, em geral, fora da instituição escolar (GOHN, 2014).

Assim a educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido (SÁPIRAS, 2007).

Para Falcão (1999), as fontes de aprendizagem e ensino não formal podem ser construídas em várias situações como conversas, livros, filmes, jornais, programas de rádio e as mais variadas fontes de experiências de vida.

Segundo Studart (2005), o grande diferencial entre aprendizagem e educação formal e não formal é a ludicidade, onde a educação formal escolar prioriza o conteúdo das matérias e a grade curricular em detrimento dos interesses pessoais dos alunos e na educação não formal, o contexto social assume um importante papel na experiência pessoal. Onde a educação não formal possibilita o crescimento e desenvolvimento pessoal, contribuindo para ampliar a “visão de mundo do indivíduo”.

Na concepção de Hein (1998), espaços não formais, as oportunidades de aprendizagem são baseadas nos interesses dos aprendizes, onde a educação inclui a descoberta e/ou a construção de significado e onde aprendizes assumem a responsabilidade por suas próprias atividades.

Marandino et al.(2009), concluem que há falta de consenso na diferenciação entre esses espaços educacionais e constatam que diferentes práticas são colocadas na mesma categoria. Foi possível observar que muitos textos relatam somente o que é o espaço não formal de ensino/educação, não tratando a educação não formal sendo realizada tanto dentro de instituições como fora delas. E quando organizadas apresentam estruturas similares a educação formal, como sistematização, hierarquização e mediador ou facilitador do ensino.

Para Garpar (1993), existem várias funções educativas nos espaços não formais, todas vinculadas aos diversos aspectos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem tais como alfabetização científica e interações sociais.

Jacobucci (2008), destaca a existência de duas categorias de espaços não formais, aqueles que constituem instituições e possuem equipe técnica responsável pelas atividades lá desenvolvidas, tais como Museus, Centros de Ciências, etc. e aqueles que não possuem essa estrutura institucional com fins educacionais, mas em que é possível desenvolver atividades de cunho educativo, como, por exemplo, teatro, cinema, casa, gruta, praia, etc. Embora a função inicial desses espaços destacada pela mídia seja a do entretenimento, a autora destaca que:

Alguns espaços não formais de Educação têm se constituído como campo para diversas pesquisas em Educação que buscam compreender principalmente as relações entre os espaços não formais e a Educação formal no Brasil. Museus de arte têm sido estudados pela recente divulgação cultural, em parceria com escolas, zoológicos, dentre outros, como locais favoráveis à realização de projetos de Educação Ambiental, e os museus e centros de ciências têm recebido grande atenção dos pesquisadores pela potencialidade de envolvimento da comunidade escolar com a cultura científica.(JACOBUCCI, 2008, p.142)

Para Delizoicov; Angotti; Pernambuco (2002), pode-se observar em sala de aula (educação formal) um grande distanciamento dos alunos em relação à ciência e à tecnologia, uma vez que as ações dos professores que atuam na área de ensino de ciências perpetuam a ideia de uma ciência morta, ou seja, um produto acabado e inquestionável. Diferente dos museus em centros de ciências que apresentam peculiaridades que os tornam mais atrativos e promissores na promoção de uma educação que contribua não apenas para a compreensão do desenvolvimento científico e tecnológico mais também de socialização e inclusão social (PEREIRA et al., 2011).

Segundo Valente (2003), estudos apontam para a necessidade de que a produção e difusão do conhecimento científico devem estar vinculados nas relações interinstitucionais (museus, escolas, universidades) para possibilitar uma alfabetização científica e tecnológica em consonância com as demandas de uma sociedade globalizada.

DESENVOLVIMENTO

O artigo foi desenvolvido por meio de Revisão de Literatura de trabalhos publicados de 1998 até 2019 existentes em bancos de dados como LILACS e PUBMED, em bibliotecas

virtuais (SCIELO, BIREME) e Buscadores, (Google acadêmico), que versaram sobre a temática. As palavras-chaves utilizadas na busca foram; morfologia, ensino, aprendizagem, educação, anatomia, espaços educacionais e educação em ciências. Sendo utilizado também como forma de inclusão ou exclusão de artigos para a pesquisa, o período de tempo da realização do artigo, iniciou no mês de dezembro de 2018 com termino em abril de 2019. Para a realização desta revisão selecionou-se trabalhos que demonstravam a relevância dos espaços não formais para o ensino de anatomia no processo ensino aprendizagem, tanto para o meio acadêmico como para o público em geral.

Tabela 1. Demonstra o número de documentos encontrados para cada palavra-chave.

Palavras-chaves	Número de documentos encontrados
Morfologia	62
Ensino	189
Aprendizagem	4.293
Educação	21.553
Anatomia	1.540
Espaços Educacionais	32
Educação em Ciências	624
Total de Documentos	28.293

Em nossa revisão de literatura foram encontradas para as palavras chaves os seguintes resultados:

Palavra-chave **Morfologia** - 62 documentos, com utilização do filtro de pesquisa para morfologia humana, 19 artigos, onde nenhum sobre ensino não formal;

Palavra-chave **Ensino**- 189 documentos, sendo 15 somente sobre ensino, 3 educação a distância, 3 educação em saúde e 3 educação não formal (que 2 também estão relacionados na pesquisa com a palavra-chave educação);

Palavra-chave **Aprendizagem**- 4.293 documentos, refinando a pesquisa para aprendizagem não formal, nenhum artigo foi apresentado;

Palavra-chave **Educação**- 21.553 documentos, refinando a busca para não formal o resultado foi 1 referente a Museu, 1 sobre ensino de ciências e 2 educação não formal.

Palavra-chave **Anatomia** - 1.540 documentos sendo 410 sobre Anatomia Humana e 1 somente sobre Ensino e Aprendizagem mas sem tratar do assunto Não Formal.

Quando realizamos a busca para Palavra-chave **Espaços Educacionais** – 32 documentos foram encontrados na base de dados Brasil, sendo 9 sobre Educação, 8 Educação em Saúde, 6 sobre Educação à Distância, 6 sobre Aprendizagem, onde verificou-se 3 dos 32 documentos relacionados com o tema Não Formal.

Com a Palavra-chave **Educação em Ciências** – encontramos 624 documentos, sendo 52 sobre Educação, 47 sobre Educação em Saúde e 27 sobre Ciências, refinando a busca para Não Formal encontramos 3 documento pertencente aos 27 sobre Ciências referindo-se em especifico a museus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados encontrados em nossa revisão de literatura, podemos verificar o quanto os espaços não formais podem contribuir para o ensino e vivencia dos alunos, pois possibilitam observar e testar na prática os ensinamentos de sala. De acordo com o que foi exposto nos resultados desse estudo, somente 3 documentos foram encontrados em um espaço amostral total de 28.293 documentos, com o tema pesquisado.

Assim, pode-se verificar que existem pouco estudos (artigos, dissertações ou teses) sobre a utilização dos espaços não formais para o estudo anatômico, demonstrando a relevância de se estimular a utilização de espaços não formais como museus, laboratórios e centros de ciências no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, os quais proporcionam uma diversidade social, cultural e pessoal, criando uma conexão entre os saberes teóricos e os práticos.

REFERÊNCIAS

BARZANO, M.A. L. Educação Não Formal: Apontamentos ao Ensino de Biologia. Revista Ciência em Tela, Feira de Santana, v. 1, p.1-4, 2008.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J.A.; PERNAMBUCO, M.M. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Ed. Cortez, 3 ed., 2002.

GARPAR, A. Museu e Centros de Ciências: conceituação e proposta de um referencial Teórico. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação USP, 1993.

GOHN, M. G. Educação Não formal: Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. Revista Investigar em Educação, Portugal, v. 2 n. 1, 2014.

FALCÃO, D. S. Padrões de interações e Aprendizagem em museus de Ciências. Dissertação (Mestrado) Rio de Janeiro, UFRJ. 1999.

HEIN, G. E. Learning in the Museum – Routledge London and New York. 1998.

LORENZETTI, L.; VAINÉ, T. E. Potencialidades dos espaços não formais de ensino para a Alfabetização Científica: um estudo em Curitiba e Região Metropolitana. XI ENPEC UFSC, Florianópolis, 2017.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos Espaços Não Formais de Educação Para a Formação da Cultura Científica. Uberlândia, v. 7, p. 55-66, 2008.

McMANUS, P. Topic in museums and Science education in Studies in Science e education, n.20, p. 157-182 1992.

MARANDINO, M. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 161-81, 2005.

MARANDINO, M.; CAZELLI, S.; STUDART, D. Educação e Comunicação em Museus de Ciências: aspectos históricos, pesquisa e prática In: Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências. Rio de Janeiro, ed. Access, 2009.

MARANDINO, M. et al. (Org.). A Educação Não Formal e a Divulgação Científica: O que Pensa Quem Faz. São Paulo, v. 1, p.106, 2015.

MELLO, J. M. et al. O Laboratório de Anatomia Humana Como Espaço não Formal de Ensino. Maringá, Arquivos do Mudi, v. 14, p. 19-26, 2010.

MOURTHE, A. F. et al. Refletindo o ensino da Anatomia. Belo Horizonte, Enfermagem em Revista, v. 19, n. 2, 2016.

PEREIRA, G. R. et al. Avaliação do grau de inserção dos museus de ciências na realidade escolar da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Ciência & Cognição. v. 16, p. 96-112, 2011.

POZO, J. I.; CRESPO, M. Á. G. Aprendizagem e o Ensino de Ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

POZZOBON, A. et al. Anatomia na prática: Sistema Musculoesquelético. Lajeado: Univates, 2015.

SÁPIRAS, A. Aprendizagem em Museus: uma análise das visitas escolares no Museu Biológico do Instituto Butantan. 2007. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

STUDART, D. C.; ALMEIDA, A. M.; VALENTE, M. E. Pesquisa de Público em Museus: desenvolvimento e perspectivas In Educação e Museus, a construção do caráter educativo dos museus de Ciências. Ed. Access, Rio de Janeiro, p. 129-157 2003.

VALENTE, M. E. A conquista do caráter público do museu. In. Educação e Museus, a construção do caráter educativo dos museus de Ciências. Rio de Janeiro, p. 21-45 2003.